

A “Savanização” da Amazônia

O aquecimento global ampliará os efeitos do desmatamento, que pode transformar em savana até 60% da Amazônia neste século, afirma o Grupo Intergovernamental de Especialistas sobre a Mudança Climática - IPCC. Se for mantida a tendência atual, o desmatamento, que nos últimos 30 anos chegou a quase 600 mil Km² somente na Amazônia brasileira (área equivalente a Alemanha e Itália juntas), terá destruído mais de 30% da floresta amazônica em 2050, diz o informe do IPCC.

Este processo pode “transformar em savana” (pradarias cobertas de pastos) até 60% da Amazônia neste século, segundo estudo feito por Carlos Nobre e Marcos Oyama, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

O aquecimento planetário “ampliará muito” tais efeitos, diz o IPCC no segundo volume de seu informe 2007, intitulado “**Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade**”, divulgado em Bruxelas.

O informe do IPCC, do qual Nobre é um dos autores, enfatiza a urgência de conter o desmatamento da Amazônia, que gera 75% das emissões brasileiras de gases causadores do efeito estufa, responsáveis pela mudança climática.

“O Brasil só pode ganhar com isso”, porque protegeria uma enorme riqueza futura e lideraria as discussões sobre mudança climática. A temperatura amazônica poderia aumentar, em média, oito graus até o final do século se forem mantidos os fatores que reaquecem a Terra, destacou o meteorologista José Antonio Marengo, em um informe apresentado ao Ministério do Meio Ambiente no final de fevereiro.

Em algumas áreas, a temperatura pode subir até 12 graus, observou Philip Fearnside, ecologista norte-americano e estudioso da Amazônia há três décadas, no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Isso ocorrerá se nada for feito para conter o desmatamento nem as mudanças climáticas globais, acrescentou. As temperaturas mais elevadas fazem as árvores consumirem mais água para executar a fotossíntese, por isso afetam as florestas.

Mas, a grande ameaça da mudança climática é a de tornar permanente o fenômeno El Niño (o aquecimento periódico das águas do Oceano Pacífico), que se manifesta com mais calor e longos períodos de escassez de chuva ao norte do Rio Amazonas, disse Fearnside, outro autor do informe do IPCC.

Isso ocorreu em 1997/1998, quando a seca causou incêndios devastadores no Estado de Roraima. E em 2006, um moderado El Niño reduziu muito as chuvas ao longo do rio Negro, grande afluente do Amazonas. O aquecimento global atual, leve em relação ao que se espera, esteve acompanhado de um aumento da frequência do El Niño desde 1976. Este fenômeno será “mais frequente e mais intenso” se a humanidade não agir para conter o efeito estufa.

Ao sul do Rio Amazonas também ocorrem secas, pelo aquecimento das águas atlânticas. Os incêndios são o grande fator da transformação das florestas em savanas. Outra razão para “a Amazônia estar à beira da savanização” é a existência de áreas propensas a esse processo, como Santarém, no leste dessa região, com florestas tropicais, mas chuvas quase equivalentes às de Brasília, que fica no Cerrado, o bioma brasileiro de savana, explicou Fearnside.

Mais da metade das chuvas amazônicas é produto da evapotranspiração da floresta. O desmatamento reduzirá a umidade, e o centro-sul do Brasil e partes de Argentina, Bolívia e Paraguai também sofrerão os efeitos, acrescentou Sampaio em uma entrevista.

“Pelo menos 30% das chuvas no sudeste brasileiro vêm da Amazônia”, por onde passam os ventos úmidos do leste que a Cordilheira dos Andes desvia para o sul.
Racionalmente necessário envidar esforços, individual e coletivamente para não afundarmos juntos.
Já imaginaram o prejuízo que poderá haver para o sudeste com a redução drástica das chuvas oriundas da evapotranspiração da Floresta Amazônica?

**Luiz Antonio Batista da Rocha –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental –
rocha@mdbrasil.com.br – www.outorga.com.br – www.rochaoutorga.hpg.com.br**